



O impacte arqueológico das propostas para a Colina de Santana

A componente patrimonial da Colina é transversal a todos os factores, e representa uma marca indelével composta por 29 edifícios classificados, 59 conjuntos arquitetónicos e 119 imóveis singulares incluídos na Carta Municipal do Património. Estou em crer que, olhando para o Documento Estratégico e para os PIPs, retirados à discussão de forma inexplicável, todos estes elementos, sobretudo os que foram classificados pelo Município, são agora olhados mais como empecilhos. É nestas questões que tem que haver seriedade. Não se pode um dia classificar e definir graus de importância e, no outro, dizer como no Estudo (p.209) que, apesar de parciais, *as demolições que se pretendem realizar nas grandes unidades incidem por vezes sobre património listado na Carta Municipal.*

Os estudos e análises sobre o território e sobre estes valores têm que servir sempre para uma reflexão e para a definição de estratégias e não se podem resumir a meros apêndices de Planos e Projectos onde efectivamente não são tidos em conta.

Por exemplo, as demolições propostas para os edifícios classificados ou inventariados, para além de não se enquadrarem no previsto no PDM, carecem de justificação técnica séria. O que vemos são apreciações generalistas e perigosas argumentando que se trata de “elementos espúrios”, termo utilizado pela DGEMN nos anos 30, quando limpava os monumentos das marcas do passado, numa lógica patrimonialista típica do Estado Novo.

Hoje, século XXI, são necessários estudos científicos sobre as pré-existências também na perspectiva da arqueologia da arquitectura, cruzando depois estes dados com a documentação disponível. Lembro que nas equipas que colaboraram nestes levantamentos, nenhuma incluiu arqueólogo e não transparece, do trabalho efectuado, qualquer ligação com os serviços da Câmara responsáveis por este sector. Quando se começa a analisar com maior profundidade edifícios deste tipo surgem, onde menos se espera, vestígios da maior relevância. Basta por exemplo olhar para os espaços

maltratados do antigo Convento de Santa Joana, para ver como está lá quase tudo. Aqui não pode haver ligeireza na análise pois está em causa um património desconhecido e riquíssimo. É necessário pois, que se promova um verdadeiro programa de REABILITAÇÃO e não de RECONVERSÃO numa área que concordamos necessita de urgente intervenção.

É isso que tem de admirável esta zona da cidade, soube resistir a todas as alterações e cataclismos, como bem referiram os arqt.s^o Manuel Salgado e Inês Lobo, pena é que esse aspecto não seja devidamente compreendido e integrado na estratégia proposta.

A este propósito diga-se que transparece dos documentos um certo mal-estar sobre a questão patrimonial, por um lado reconhece-se o seu valor e a marca que deixou no território mas, por outro, pretende-se romper com esta lógica. Reconhece-se o tal silêncio, o recato, a magia de um local antigo tão perto do centro mas depois defende-se a rotura, tanto na escala dos novos edifícios, como na absurda necessidade de implementar Espaços Contínuos, de tudo expor, supostamente a benefício dos cidadãos. Pergunto sinceramente, se por infortúnio tudo isto se concretizasse, que sobraria deste carácter tão excepcional? Condena-se então aquilo que se exalta?

Relativamente à arqueologia de cota negativa, o potencial é também enorme. Consultando os registos é possível afirmar que os níveis definidos no PDM são genéricos. É agora necessário olhar para cada uma das unidades individualmente. Por exemplo, bastou o acompanhamento arqueológico de umas valas em redor do Hospital de S. José, para imediatamente surgirem esqueletos pois, como se sabe, até 1835 os cemitérios situavam-se em redor das igrejas conventuais e dentro das suas cercas.

Para terminar, concordamos que é necessário reabilitar a Colina e dar urgentemente visibilidade a todo este património integrando-o, por exemplo, em rotas turísticas e daí retirando os meios financeiros para o ajudar a manter. Há espaço que sobra para novos projectos, novas habitações e novos equipamentos, mas com outra escala e com outra visão.